

Introdução

O objetivo deste estudo é apresentar o conceito freudiano de pulsão de morte¹, de modo que possamos identificar alguns de seus efeitos na vida psíquica e na vida em cultura. A proposição de uma pulsão de morte dota o sujeito freudiano de uma destrutividade, que ao mesmo tempo que conforma sua singularidade, se opõe às unificações típicas da civilização, porque põe em causa a conservação e a uniformização próprias à ordem da cultura.

Este conceito foi sistematizado por Freud apenas em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, mas bem antes disso, em 29 de Novembro de 1911, numa das célebres reuniões das quartas feiras da sociedade psicanalítica de Viena, Sabina Spielrein, psicanalista membro da referida sociedade, apresenta um artigo intitulado *A destruição como causa da transformação*, onde a idéia de uma potência destrutiva a operar no homem já se insinuava. Neste trabalho ela antecipa uma parte importante da teoria da pulsão de morte, segundo as palavras do próprio Freud. (Freud,1920:75)

A hipótese sustentada por Spielrein então é a de que Freud se equivoca ao supor que os conflitos fundamentais do psiquismo passam pelo enfrentamento entre a libido e o interesse. Ela sustenta que o conflito é entre a vida e a morte – *Eros e Tanatos*. Mas é por imposição de sua própria clínica, que apenas nove anos depois, Freud dedica-se a examinar os fenômenos que terminam por levá-lo ao conceito de pulsão de morte, promovendo uma verdadeira transformação e ampliação da malha conceitual psicanalítica.

Diante da evolução da teoria psicanalítica, que comemora pouco mais de um centenário da descoberta freudiana, a questão: *o que é a pulsão freudiana de morte?* _ poderia parecer irrisória. Não é essa a posição que defendemos: ela insiste em exigir de nós uma maior elaboração, desde que Freud a introduziu em

¹ Ao longo deste trabalho, optamos por utilizar uma terminologia que consideramos mais correta e já há muito consagrada no meio psicanalítico. Portanto, substituímos o termo instinto, que é a escolha terminológica do editor inglês, por pulsão, ainda que eventualmente isto ocasione alguma discrepância com relação às citações que transcrevemos.

1920, e o que nos propomos fazer é abordar a implicação, para a teoria psicanalítica, da introdução feita por Freud deste importante conceito.

Importante também dizer que, nesta retomada do conceito freudiano de pulsão de morte, privilegia-se o texto freudiano, mas outras contribuições não são descartadas, como a de Jacques Lacan, dentre outras igualmente relevantes, que nos trazem de volta à regiões cruciais da obra freudiana de uma maneira esclarecedora, definindo melhor seus contornos e apresentando novas possibilidades de reflexão.

O conceito de pulsão de morte é examinado desde sua emergência na metapsicologia, as modificações que implica na teoria das pulsões, até formulações posteriores sobre o tema. Estas modificações são consideráveis e são tanto teóricas como clínicas, pelo menos no que se refere à compreensão de algumas psicopatologias e de alguns mecanismos basais da constituição do aparato psíquico.

Uma reflexão aprofundada sobre a pulsão de morte em Freud, exige de nós que olhemos para trás, para resgatar uma parte da teoria sem a qual este conceito seria incompreensível. É que na metapsicologia freudiana, a teoria da pulsão de morte está referida ao começo da vida psíquica, e não podemos tratar dela sem nos remetermos a uma rede conceitual anterior à sua construção, cujo entendimento é necessário à sua inteligibilidade. Estamos falando do narcisismo primário e das instâncias ideais que norteiam o eu em formação; bem como dos modos de satisfação e dos princípios de funcionamento que estão em cena regendo cada começo, de cada sujeito.

Porém, nossa investigação na obra freudiana terá que ser bifronte, porque se nos é exigido voltar o olhar para trás, para os primórdios da metapsicologia, também é preciso que olhemos para frente, já que em Freud, a pulsão de morte está referida a uma constelação conceitual solidária produzida a partir de 1920, que inclui: o masoquismo como original, o supereu como primário, a repetição compulsiva, os sentimentos de culpa, a reação terapêutica negativa, dentre outros, que não podemos ignorar na clínica e na teoria.

Estas são algumas balizas identificadas na obra freudiana que nos permitem refletir sobre o alcance deste conceito, e que doravante vão constituir o eixo condutor deste trabalho. Nesse sentido, uma parcela considerável deste

estudo é dedicada a abordar esta parte da obra freudiana, que não se furta a considerar os efeitos da pulsão de morte, não só para um determinado sujeito, como igualmente para o grupo social. É esta construção que comporá as bases de nossa reflexão.

Três capítulos compõem este trabalho. No primeiro capítulo, acompanhamos a evolução da teoria pulsional freudiana desde seu aparecimento no seio da teoria psicanalítica até a fundamentação do conceito de pulsão de morte, a partir do fenômeno clínico da repetição compulsiva.

Dentre outros aspectos de grande relevância para esse estudo, nesta primeira parte, destaca-se a revisão empreendida por Freud na primeira teoria pulsional a partir da introdução do conceito de narcisismo em 1914, quando a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu (entendidas como não sexualizadas), perde seu sentido, já que o conceito de narcisismo aponta para o investimento libidinal do eu. Afirmar o eu como objeto de amor abriu questões que tornaram frágil a teoria pulsional anterior proposta por Freud, e ele se viu obrigado a revê-la.

Já no quadro da segunda teoria pulsional, sustentada por Freud em sua metapsicologia a partir do texto de 1920, no segundo capítulo deste estudo são abordados alguns efeitos da pulsão de morte na vida psíquica. Aspectos ligados à destrutividade da pulsão de morte e que compõem o eu primário, como o masoquismo originário, são ressaltados como fundamentais na formação da vida psíquica. Veremos que há uma positividade na ação da pulsão de morte, cuja destrutividade terá uma função preponderante no processo de constituição do sujeito e do mundo objetal.

A última parte desse estudo está dedicada a pensar alguns dos efeitos da pulsão de morte na cultura. Veremos, neste terceiro capítulo, que a temática de um mal-estar na cultura é uma derivação necessária da teoria freudiana da pulsão de morte, que pode ter tanto um efeito mortífero, quanto benéfico, porque regula as relações entre os homens estabelecendo os limites de até onde é possível acercar-se de nossos semelhantes.